

Editorial

Em editorial anterior referi o problema que constitui organizar a revista limitados que estamos pelos custos de impressão. Às vezes preparamos um sumário rico e variado capaz de atrair mesmo a leitura dos mais distraídos. Esforçamo-nos para que haja um equilíbrio entre os artigos e uma espécie de compensação, isto é, não deixando que as *PÁGINAS* pendam apenas para determinado lado. A nossa profissão é alimentada por muitas fontes e nunca deixaremos que umas sequem em proveito doutras. Trata-se sempre dum exercício muito estimulante entre a identificação de temas e autores, a avaliação da sua pertinência, a actualidade do tema, a inserção imediata ou a médio prazo. Queixava-me eu então de que este exercício sai por vezes gorado. Não só é verdade como deixa os responsáveis pelas *PÁGINAS* numa situação muito delicada quer perante os assinantes e leitores como, pior se é possível, perante os autores. Prometemos e não cumprimos. Falamos com uns e com outros na esperança de que compreendam e aceitem mas é uma tarefa ingrata e da qual, cada número que passa, vamos gostando menos.

Ponderados os prós e os contras, decidimos que para grandes males, grandes remédios. O que as *PÁGINAS* precisam mesmo é de mais cadernos. Temos de aumentar o número de páginas para que possamos incluir mais trabalhos, ou trabalhos maiores, variar as colaborações, manter as secções de que já dispomos ou criar novas. Esta mudança não vai acontecer ainda com este número porque toda esta discussão decorreu enquanto o preparávamos. Mas a decisão está tomada e a partir do n.º 9, as *PÁGINAS* aumentam de volume. Ligeiramente.

Claro que este aumento arrasta outras alterações: mais cadernos corresponde a maior peso e os correios não são sensíveis ao problema. Para elas a realidade pura e dura é a da balança. Mais espaço para comunicar, mais impressão, maiores custos. Ou seja, o n.º 8 que têm nas mãos fecha um ciclo. Praticamente desde o seu início que o preço é o mesmo,

e o volume também. A partir do n.º 9, o preço das *PÁGINAS* terá que aumentar um pouco para fazer frente às novas despesas. Esperamos que entendam e aceitem.

Agora, as *PÁGINAS* em mãos. Um longo artigo por colegas que fizeram connosco, e mesmo antes de nós, um percurso marcante na biblioteconomia portuguesa. É um tema – a indexação por assuntos – sempre pertinente e que hoje, apesar dos computadores ou por talvez causa deles, se impõe com maior actualidade. Porque os computadores existem, porque se banalizaram nas bibliotecas, é absolutamente urgente repensar nos métodos de trabalho, na estrutura intelectual que está subjacente às rotinas diárias. Apesar das maravilhas alcançadas pela máquina, a sistematização do nosso pensamento, a aplicação criteriosa e constante do nosso julgamento é ainda nosso privilégio. Depois, um artigo sobre as colecções das bibliotecas nacionais, como são constituídas, o seu valor. Embora seja um artigo dirigido a uma audiência menor, é importante que profissionais fora dum círculo eventualmente mais restrito não ignorem questões cruciais para a profissão e para o património nacional. A fechar, um artigo delicadíssimo, magnífico sobre o prazer da leitura por autor catalão que traduz plenamente o intuito da secção.

Finalmente, um alerta: a análise da lista de assinantes, indica-nos manchas sectoriais totalmente omissas. Não conseguimos identificar nenhum bom motivo. As *PÁGINAS* publicam artigos interessantes e actuais escritos maioritariamente por colegas portugueses, isto é, transmitem-nos a realidade portuguesa e o ritmo de publicação é regular, a distribuição é ampla. Porquê, então? No âmbito deste Editorial não poderemos ir muito mais longe mas seguramente que vos podemos pedir que pensem um pouco nisto e que discutam o caso com os vossos colegas e conhecidos. Talvez que eles nem sejam assinantes e precisem ser estimulados! Se eu defender que as *PÁGINAS* deveriam estar nos escaparates de todas as bibliotecas universitárias ou de todos os arquivos, posso ser mal interpretada; também posso ser julgada por afirmar que é minha convicção que sem uma leitura regular profissional, nos arriscamos a ficar para trás; também serei mal vista se reafirmar que não basta ter a revista na instituição. Como hei-de então transmitir esta convicção profunda que é minha e de toda a equipa das *PÁGINAS* que sem informação, sem debate, sem o sentido vital da cooperação inadiável, as bibliotecas e os arquivos portugueses se vão atrasando relativamente aos seus congéneres europeus?! Não acredito(amos) que a indiferença chegue tão longe. Não pode ser verdade.

Continuarei a resistir esperando fazer o caminho na vossa companhia.

MARIA LUÍSA CABRAL